



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA



“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências – Bauru



MARINA HATOUM LINCOLN DO AMARAL

INTERCULTURALIDADE E A LITERATURA DE AUTORIA INDÍGENA PARA  
CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Bauru

2022

**MARINA HATOUM LINCOLN DO AMARAL**

**INTERCULTURALIDADE E A LITERATURA DE AUTORIA INDÍGENA PARA  
CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

**Orientadora: Profa. Dra. Denise Aparecida Corrêa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Câmpus de Bauru, para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

**Bauru**

**2022**

A485i

Amaral, Marina Hatoum Lincoln do

INTERCULTURALIDADE E A LITERATURA DE AUTORIA  
INDÍGENA PARA CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA  
ESCOLAR / Marina Hatoum Lincoln do Amaral. -- Bauru, 2022  
52 p.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Educação Física) -  
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências,  
Bauru

Orientadora: Denise Aparecida Correa

1. Interculturalidade. 2. Literatura Indígena. 3. Educação Física  
Escolar. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de  
Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

## **AGRADECIMENTO**

À minha família, que me deu suporte e apoio necessário para que pudesse realizar a graduação; aos meus amigos próximos que me apoiam para deixar essa caminhada mais leve; e à minha orientadora, que me incentivou, ensinou e entendeu todos os meus momentos de dificuldade, sempre com muita paciência e dedicação para que eu pudesse realizar este trabalho.

“Educar é, portanto, envolver. É revelar. É significar. É mostrar os sentidos da existência [...].

Não existe formatura. Quem vive o presente está sempre em processo”

(MUNDURUKU, 2010).

## RESUMO

O espaço escolar como tempo e lugar de enfrentamento das desigualdades de gênero, classe e raça, requer desconstruir práticas pedagógicas assentadas na monocultura e perspectiva eurocêntrica de conhecimento. Privilegiar os conhecimentos e as produções de autoria indígena no contexto escolar considera a força que têm os conhecimentos nas histórias escritas por quem as vive. A produção literária escrita por indígenas para as crianças, cuja representatividade da diversidade dos povos indígenas tem sido expressiva, se constitui uma valiosa fonte de conhecimento intercultural. A presente pesquisa teve como objetivo caracterizar e analisar quatro obras da Literatura de autoria Indígena para crianças e desvelar possibilidades lúdico pedagógicas favorecedoras da interculturalidade na Educação Física Escolar. Iniciamos com uma revisão sistemática bibliográfica que contou com dez estudos encontrados sobre a literatura indígena para crianças na escola. Os estudos foram analisados em quatro categorias: 1) Ano de publicação e natureza dos estudos; 2) Objetivos dos estudos; 3) Contexto dos estudos e participantes e 4) Principais Conclusões dos estudos. Para realizar a pesquisa, realizamos o mapeamento do acervo de livros da literatura infantil de autoria de escritores/as indígenas, envolvendo caracterização das obras por etnia e região. A partir deste mapeamento quatro obras foram submetidas à análise de conteúdo, as quais tiveram como critérios de inclusão: a diversidade de gênero na autoria e a diversidade de povos indígenas, portanto, escritores e escritoras indígenas de diferentes origens étnicas e que habitam diferentes regiões do Brasil. Assim, compomos a análise com quatro obras, representativas de povos/etnias diferentes. São elas: “Ajuda do Saci” de Olívio Jekupé; “Caçadores de Aventuras”, de Daniel Munduruku; “A cura da Terra”, de Eliane Potiguara; e “Jóty, o Tamanduá”, de Vangri Kaingang. Como resultado deste processo, emergiram duas categorias: A) Filosofia Indígena, onde elencamos aspectos relacionados ao modo como os povos originários concebem a convivência entre os seres vivos. As relações dos humanos uns com os outros e com a natureza no cotidiano indígena, formando um todo integrado e em equilíbrio, e B) Ancestralidade, que remete ao valor dos antepassados, particularmente o respeito aos mais velhos e a valorização dos seus saberes, como aspectos que se destacaram nos livros analisados. Articulamos temáticas que emergiram da análise dos livros realizada na categoria anterior, descortinando quatro possibilidades para o desenvolvimento de propostas lúdico educativas, uma para cada livro. Acreditamos que esta pesquisa descortinou conhecimentos filosóficos e culturais de diferentes povos indígenas que emergiram das histórias infantis, cuja apropriação visando a educação intercultural na escola, pode contribuir para reconhecimento, respeito e valorização da diversidade cultural indígena.

Palavras-Chave: Interculturalidade. Literatura Indígena. Educação Física Escolar.

## ABSTRACT

The scholar environment, as a place of confrontation of the gender, class and race inequalities requests the deconstruction of pedagogic practices based in the Eurocentric perspective of knowledge and the social monoculture. Giving light to indigenous authorship productions in the scholar environment considers the strength of the knowledge of the stories written by who lived them. The infant literature production from the indigenous people, that has been a huge cultural representation, is a valued source of intercultural knowledge. This research characterize and analyze four works of Indigenous Literature for children and unveil pedagogical playful possibilities that favor interculturality in School Physical Education. The research started with a systemic bibliography review of ten found public studies about indigenous literature for school children. The studies were analysed in four categories: 1) Publish year and type of research; 2) Research's objective; 3) Research's and participants context; 4) Research's conclusion. In order to do this research a mapping of the indigenous infant literature was made, considering the works by ethnicity and geographic regions. Then, fours works had been selected for a content analysis considering the authorship gender diversity and the ethnicity diversity. Thus, indigenous writers from different ethnical backgrounds and from different regions of Brazil were selected. Therefore, we selected fours works from different ethnical and regional backgrounds, as follows: "Ajuda do Saci" by Olívio Jekupé; "Caçadores de Aventuras" by Daniel Munduruku; "A Cura da Terra" by Eliane Potiguara and "Jóty, o Tamanduá" by Vangri Kaingang. As a result of this analysis process, we divided the results in two categories: A) Indigenous Philosophy, where was analysed the conviviality between the humans with the nature, other living beings and with themselves, building an integrated and balanced system, and B) Ancestry, considering the respect, value and knowledge authority of the older members of their society. From the works analysis four educational ludic proposals were made, one for each of the selected works. This research shows philosophical and cultural knowledges from different indigenous people through infant literature, in which the use of those works in the scholar environment can contribute with the acknowledge, respect and valorization of the diverse indigenous culture.

Keywords: Interculturality. Indigenous Literature. School Physical Education.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características das produções acadêmicas incluídas na revisão sistemática de literatura .....	17
Quadro 2 – Mapeamento das Publicações Literatura Infantil e Juvenil de autoria Indígena por Etnia .....	27



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

UFJF – Universidade Federal de Juíz de Fora

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

MEC – Ministério da Educação e Cultura

UNESP – Universidade Estadual Paulista

USP – Universidade de São Paulo

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	11
2 LITERATURA INDÍGENA NA ESCOLA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA .....	16
2.1 Ano de publicação e natureza dos estudos .....	19
2.2 Objetivo dos estudos .....	20
2.3 Contexto e participantes dos estudos .....	22
2.4 Principais conclusões dos estudos .....	23
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	26
3.1 Mapeamento e caracterização das obras literárias indígenas: os/as autores /as e suas histórias .....	26
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	32
4.1 Filosofia indígena .....	32
4.2 Ancestralidade .....	35
5 HISTÓRIAS INFANTIS INDÍGENAS: POSSIBILIDADES LÚDICO EDUCATIVAS NA ESCOLA .....	39
5.1 Os brincares nas culturas indígenas e a educação intercultural na escola .....	39
5.2 Propostas para contar e brincar as histórias de autoria indígena na Escola .....	40
5.2.1 Proposta 1: Temática: Solidariedade – Livro “Caçadores de aventuras” .....	41
5.2.2 Proposta 2: Temática: Ancestralidade e Oralidade – Livro “A cura da Terra” ..	41
5.2.3 Proposta 3: Temática: Interculturalidade – Livro – “Ajuda do Saci” .....	42
5.2.4 Proposta 4: Temática: Complementariedade Somos Natureza Todo Integrado – Livro – “Jóty, o Tamanduá” .....	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	45
REFERÊNCIAS .....	48

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse pela temática da presente pesquisa se deu a uma trajetória desde o início da minha vida universitária. Ao entrar na faculdade de Educação Física, já sabia do meu interesse e prazer por ensinar e brincar com as crianças. Durante a disciplina “Jogos, Atividades Lúdicas e Lazer” percebi que gostaria aprofundar meus estudos em relação aos jogos e brincadeiras, me inserindo então no projeto de extensão “Brincando e Dialogando<sup>1</sup>” da UNESP – Campus Bauru, que tem como objetivo a valorização das culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras no contexto escolar a partir das manifestações lúdicas dessas culturas.

Uma das vivências do “Brincando e Dialogando” é realizar anualmente uma visita à Aldeia Ekeruá uma das aldeias do povo Terena pertencente à Terra Indígena Araribá, localizada na cidade de Avaí na região de Bauru/SP. Nesta vivência me interessei ainda mais pela cultura indígena, seus costumes, seus jogos e brincadeiras tradicionais.

Com essa experiência decidi dar prosseguimentos aos estudos com a temática indígena e aprofundar meus estudos acerca das possibilidades pedagógicas nas histórias de autoria indígena para crianças, tema deste trabalho de conclusão de curso.

A premissa de uma educação democrática e equânime na sociedade brasileira conclama repensar o espaço escolar como tempo e lugar de enfrentamento das desigualdades sociais, sejam elas, de gênero, de classe ou de raça.

Repensar a Escola envolve o compromisso de desconstruir práticas pedagógicas assentadas na monocultura e na perspectiva eurocêntrica de conhecimento, assumir a diversidade como pilar educacional e fomentar ações pedagógicas que reconheçam e valorizem as diferenças em sua riqueza, no sentido de garantir a formação de cidadãos com valores de orgulho de pertencimento étnico-racial, independentemente de sua descendência, para que todos sejam valorizados e tenham seus direitos garantidos (BRASIL, 2004).

Quando um professor está concebido em uma realidade intercultural, ele é capaz de utilizar as potencialidades de cada cultura para as suas intervenções nas aulas (OLIVEIRA; DAOLIO, 2011). A Educação Física parte de culturas, sendo uma área de conhecimento de práticas corporais que foram criadas e recriadas por seres humanos a partir de suas Histórias e Culturas.

---

<sup>1</sup> Projeto de extensão da UNESP – Campus Bauru, Departamento de Educação Física, que visa valorizar as culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras, proporcionando jogos e brincadeiras tradicionais dessas culturas nas aulas de Educação Física e Artes de uma escola pública da cidade de Bauru, SP. Durante a pandemia, o projeto criou um canal no YouTube, produzindo vídeos com brincadeiras das culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras que possam ser feitas em casa com pouco material, tendo planejamento em reuniões e grupos de redes sociais entre os educadores, compartilhando materiais e fontes enriquecedoras para os conteúdos produzidos. Os vídeos eram assistidos por todos os educadores para análise da questão audiovisual e de conteúdo.

É importante trazer aspectos da Educação Intercultural nas aulas de Educação Física para abranger as possibilidades e oportunidades de práticas corporais culturais para os educandos, valorizando as diferenças culturais, de gênero, raça e sociais e quebrando estereótipos e preconceitos nesses quesitos, além de aumentar o leque de conhecimentos sobre os movimentos e práticas corporais dos seres humanos no decorrer da História.

O fortalecimento da diversidade étnica e cultural dos povos indígenas, as lutas mobilizadas por diferentes comunidades e povos, engrenou o desenvolvimento de políticas públicas educacionais como a promulgação da Lei 11.645/2008 (BRASIL, 2008) que instituiu o estudo da História e Culturas dos povos indígenas nos currículos de escolas públicas e privadas em todo o país, suscitando a necessidade de transformação de práticas cristalizadas no cotidiano escolar.

Este projeto de pesquisa se situa na perspectiva do diálogo intercultural a partir dos conhecimentos próprios construídos por escritores e escritoras indígenas ao protagonizarem a autoria de histórias da literatura infantil, uma vez que tem se observado no acervo didático e paradidático que falta valorização do protagonismo indígena, sendo mencionada apenas quando se cita a colonização. Mesmo que tenham avanços sobre o tema, ainda são menções estereotipadas (BRASIL, 2013).

Privilegiar os conhecimentos e as produções de autoria indígena no contexto escolar considera a força que têm os conhecimentos nas histórias escritas por quem as vive, o que é primordial para “[...] o desencadeamento de processo de afirmação de identidades, de historicidade negada ou distorcida; o rompimento com imagens negativas forjadas por diferentes meios de comunicação, contra os negros e os povos indígenas” (BRASIL, 2004, p. 19).

A educação intercultural que nos ancoramos nesta pesquisa é aquela que “[...] busca, pois, desenvolver concepções e estratégias educativas que favoreçam o enfrentamento dos conflitos, na direção de superação das estruturas socioculturais geradoras de discriminação, de exclusão ou de sujeição entre grupos sociais (FLEURI, 2005, p. 1).

Em acordo com Rocha (2020) acreditamos em uma educação intercultural que “[...] possa contribuir para a formação do/a estudante democrático/a que consiga desconstruir seus próprios pré-conceitos e dialogar sobre as diferenças, respeitando e compreendendo a diversidade cultural presente em nossa sociedade” (p. 37).

Nesta direção promover a interculturalidade na escola implica reconhecer a visão eurocêntrica e a ideologia do branqueamento que se perpetua no material didático e, em contrapartida superá-la, de modo a incluir o acervo de obras, cujos conhecimentos

protagonizados e contados pelos próprios indígenas, promovem reconhecimento de suas produções:

Com a crescente força do movimento literário indígena, o número de publicações aumenta gradativamente a cada ano. Se no princípio as obras possuíam caráter didático e paradidático, a tendência atual aponta para as publicações direcionadas ao público não indígena, em especial através da literatura infantil e infanto-juvenil. Essa estratégia tem por objetivo a desconstrução de estereótipos logo nos primeiros anos da educação formal, como investimento na formação cultural das próximas gerações. (FRANCA, 2016, p. 62/63)

A produção literária escrita por indígenas para as crianças, cuja representatividade da diversidade dos povos indígenas tem sido expressiva, se constitui uma valiosa fonte de conhecimento intercultural, pois como explicita Bonin (2015) a Literatura de autoria Indígena é notada em nosso país a partir dos anos 1990. Com o tempo, as obras de autoria indígena estão se ampliando para circulação nas escolas públicas do Brasil após estarem sendo incluídas nas listagens do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE).

Ainda que com essa expressiva produção literária protagonizada por escritores/as indígenas, ainda observamos a prevalência no acervo de literatura infantil e juvenil, histórias que retratam temáticas e personagens que valorizam padrões identitários exclusivamente ocidentais, em detrimento temáticas e personagens africanos e/ou indígenas, nas quais figuram conhecimentos e referenciais culturais pautados em modos de vida das quais somos originários. Contudo, é importante salientar que, até por conta das legislações acima referenciadas, as Escolas receberam um acervo significativo de livros de histórias infantis com a temática indígena, porém, não têm sido utilizados ficando muitos anos sem serem retirados das caixas como constatado em pesquisa por nós realizada (SANTOS; CORRÊA, 2015).

Diante desse cenário, e entendendo ser urgente contribuir para apresentação, diálogo e reflexão acerca da diversidade cultural propomos a presente pesquisa tendo como foco a produção literária de autoria indígena voltada para crianças, alicerçada no compromisso, como explicita o escritor indígena Daniel Munduruku, em uma “escrita para ensinar”:

[...] ensinar o leitor – no caso, a sociedade brasileira – a reconhecer que aquele escrito [...] tem a profundidade de um povo, tem o conhecimento do povo, tem a sabedoria de um povo, que isso precisa ser conhecido e reconhecido como tal. Então a primeira coisa que eu acho importante, é que seja uma escrita militante, uma escrita pedagógica, é claro que não precisa estar preso a um sistema pedagógico, mas ter um princípio pedagógico porque é o que efetivamente, a meu ver, definiria uma literatura militante, aquele que ensina, aquele que tá ali pra mudar um jeito, uma visão estereotipada, preconceituosa que se tem das populações indígenas que, se a gente for levar em consideração que essa literatura, ela surgiu exatamente para ser um parceiro

da sociedade brasileira no combate a esse racismo, a esses estereótipos que sempre foram ensinados nas escolas brasileiras [...] (FRANCA, 2016, p. 78).

Assim, essa pesquisa teve como objetivo central caracterizar e analisar quatro obras da Literatura de autoria Indígena para crianças e desvelar possibilidades lúdico pedagógicas favorecedoras da interculturalidade na Educação Física Escolar.

Como objetivos específicos essa pesquisa buscou caracterizar o acervo da literatura para crianças produzida por escritores e escritoras indígenas de diferentes origens étnicas e regiões do território brasileiro e, analisar o conteúdo de quatro livros de histórias infantis, dois escritos por autores indígenas e dois escritos por autoras indígenas, de modo a subsidiar possibilidades didático-pedagógicas voltadas à educação intercultural lúdica na infância.

Assim, o trabalho está estruturado da seguinte forma: no capítulo 1, que é uma revisão sistemática de literatura, realizamos um levantamento dos estudos com a temática da literatura indígena na escola, que foram publicados entre 2008 e 2021, e posteriormente analisamos as obras encontradas com os tópicos: 1) ano de publicação e natureza dos estudos, 2) objetivo dos estudos, 3) contexto e participantes dos estudos, e 4) principais conclusões dos estudos.

Na sequência, descrevemos os procedimentos metodológicos do nosso estudo de natureza qualitativa no qual envolveu outro levantamento bibliográfico, mas agora de obras de histórias infantis de escritores e escritoras indígenas do Brasil, realizado na “Bibliografia das publicações indígenas do Brasil/Lista de autores (por origem)” (FRANCA; MUNDURUKU; GOMES, 2020). Após o levantamento das obras, selecionamos quatro delas de acordo com a diversidade de gênero (escritores e escritoras) e de etnias e regiões do Brasil (diferentes regiões e etnias e povos).

No capítulo de resultados e discussões do trabalho, realizamos uma análise das obras envolvendo duas categorias: A) Filosofia indígena, onde elencamos aspectos relacionados ao modo como os povos originários concebem a convivência entre os seres vivos, e B) Ancestralidade, que remete ao valor dos antepassados, particularmente o respeito aos mais velhos e a valorização dos seus saberes, como aspectos que se destacaram nos livros analisados. Depois de analisar as categorias citadas, apresentamos os resultados.

Depois de discutir os resultados, trouxemos propostas pedagógicas que favorecem a educação intercultural lúdica na escola.

Apresentamos as considerações finais do estudo a partir de todo o processo do estudo, abordando desde a revisão sistemática até as análises das obras selecionadas a de acordo com o levantamento bibliográfico.

Por fim, indicamos as referências utilizadas durante o desenvolvimento de todo o trabalho de pesquisa.

## **2 LITERATURA INDÍGENA NA ESCOLA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA**

Tendo como propósito ampliar a compreensão sobre a literatura indígena infanto-juvenil na escola, recorreremos ao estado da arte da produção acadêmica sobre esse tema. Para tanto, os dados para a realização desta pesquisa foram obtidos por meio de estudo de revisão sistemática de literatura.

Para identificar e compor o quadro de estudos que se debruçaram sobre a importância da utilização da literatura indígena nas aulas escolares, nos pautamos no método de revisão sistemática da literatura, compreendida como “[...] um estudo de natureza descritiva e bibliográfica, que recorre a métodos de análise de produção do conhecimento da literatura de determinada temática, permitindo, assim, priorizar temáticas e clarificar temas” (SIMÕES; MIZUNO; ROSSI, 2019, p. 604).

A revisão sistemática de literatura foi realizada a partir de uma metodologia de natureza descritiva de modo que possibilite identificar o panorama da produção literária e o estado da arte da produção acadêmica relacionada às temáticas: cultura indígena e literatura infantil; educação para as relações étnico-raciais e infância (PETTICREW; ROBERTS, 2006).

Inicialmente para realização de um fichamento do levantamento dos estudos sistematizamos os critérios e definimos como parâmetros de busca: equações de pesquisa (descritores ou expressões de busca); o recorte temporal (períodos) e o campo de busca (bases de dados).

O recorte temporal de publicação dos estudos teve como base o ano em que a Lei 11.645/08, que “altera a Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” (BRASIL, 2008) foi sancionada, por conta da sua influência no ensino das Histórias e Culturas indígenas na escola, sendo então o período de 2008 a 2021.

Os descritores utilizados foram a combinação das seguintes expressões: Literatura Indígena; Literatura indígena na escola; literatura indígena educação infantil; Lei 11645 indígena; Lei 11645 escola; Lei 11645 criança; literatura indígena infantil; literatura autóctone; Educação física indígena; Lúdico indígena; jogos e brincadeiras indígenas. Educação física e literatura indígena; educação física escolar e literatura indígena; educação física e histórias indígenas; educação física escolar e histórias indígenas.



As bases de dados selecionadas foram as plataformas Google Scholar; Repositório Institucional UFJF; Scielo; Biblioteca Digital Brasileira De Teses E Dissertações; Periódicos CAPES/MEC; Acervo Digital da UNESP; Biblioteca Digital da Produção Intelectual da USP; Biblioteca Digital da UNICAMP e Repositório Institucional da UFSCAR.

Na sequência foi realizada a leitura dos resumos através da qual foi possível identificar trabalhos que não se enquadravam na temática em estudo, como aqueles que não se tratavam da literatura indígena para crianças, da literatura no campo da escola, e também os estudos que utilizavam como base obras escritas por autores não-indígenas. Estes foram retirados do quadro para análise dos artigos.

Portanto, como o foco do presente estudo é analisar as possibilidades pedagógicas favorecedoras da educação intercultural na escola com a literatura produzida por escritores e escritoras indígenas, foram incluídos 10 estudos, os quais foram submetidos à leitura dos textos na íntegra e analisados com base nos princípios de classificação sintetizados por Gomes (2009) e caracterizados a partir de quatro categorias: a) Ano de publicação, natureza e objetivo (s) dos estudos; b) Caracterização metodológica; c) Conclusões dos estudos.

O quadro abaixo representa o levantamento dos dados dos estudos publicados com a temática literatura indígena infantil na escola.

QUADRO 1 – Características das produções acadêmicas incluídas na revisão sistemática de literatura

Nº	TÍTULO	AUTORES E AUTORAS	OBJETIVO(S)	NATUREZA E ANO DE PUBLICAÇÃO	CONTEXTO/ PARTICIPANTES
1	A LITERATURA DOS POVOS INDÍGENAS: UMA ANÁLISE DE OBRAS LITERÁRIAS NA ESCOLA	AMARAL, Graciele F.	Analisar como o indígena foi retratado em livros escritos por autores indígenas e não-indígenas.	ANAIS DE EVENTO CIENTÍFICO (2017)	“Murûgawa: mitos, contos e fábulas do povo Maraguá” (2007) e “O caçador de histórias SehayKa’atHariá” (2004), ambas de YaguarêYamã; “Contos Indígenas brasileiros” (2004), de Daniel Munduruku e não indígena “A Lenda da Paxuba” (2000), de Terezinha Eboli.
2	A LITERATURA INDÍGENA NA ESCOLA: ANÁLISE DA OBRA “TEKOA: CONHECENDO UMA ALDEIA INDÍGENA”	BORGES, Fabiana C. V. B.	Apresentar reflexões e metodologias para o trabalho com literatura indígena na sala de aula.	ARTIGO EM REVISTA (2016)	Análise da obra literária indígena “Tekoa: conhecendo uma aldeia indígena”, escrita pelo Olívio Jekupé
3	DIÁLOGOS INTERCULTURAIS	BRANDES, Silvely	Refletir sobre a literatura	DISSERTAÇÃO (2017)	Análise das obras: O saci verdadeiro (2000) e

	NA LITERATURA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA : UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA		indígena escrita em língua portuguesa como uma literatura que é fruto dos diálogos interculturais e que revela e promove o diálogo intercultural.		Ajuda do saci (2006), de Olívio Jekupé, Metade cara, Metade Máscara (2004), de Eliane Potiguara, Sehaypóry, o livro sagrado do povo Saterê-Mawé (2007), de Yaguarê Yamã e Todas as vezes que dissemos adeus (1994), de Kaka Werá Jecupé.
4	LITERATURA INDÍGENA PARA CRIANÇAS: O DESAFIO DA INTERCULTURALIDADE	BRANDILEONE, Ana P. F. N.; VALENTE, Thiago A.	Realizar uma reflexão crítica sobre a produção literária infantil indígena.	ARTIGO EM REVISTA (2018)	Análise das obras Paiquerê: o paraíso dos Kaingangs, de Cléo Busatto, e Karú Tarú: o pequeno pajé, de Daniel Munduruku
5	“A MÃE TERRA NOS ANIMA” MULHERES INDÍGENAS CONTRACOLONIZANDO A LITERATURA E AS ARTES VISUAIS NO BRASIL : INSPIRAÇÕES PARA A INTRODUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO DECOLONIAL NA ESCOLA	HENRIQUE, Paloma M.	Destacar a importância do trabalho pedagógico com materiais produzidos por autoras indígenas.	DISSERTAÇÃO (2019)	Produção literária e visual produzida por mulheres indígenas como Eliane Potiguara, Graça Graúna, Márcia Wayna Kambeba, Sulamy Katy, Shirley Djukurnã Krenak, Arissana Pataxó, Moara Brasil, Carmézia Emiliano e Daiara Tukano.
6	A LITERATURA INFANTIL COM TEMÁTICA INDÍGENA NA ESCOLA: ROMPENDO O PRECONCEITO	OLIVEIRA, Manoilly D; AMARILHA, Marly.	Investigar a presença da literatura infantil com temática indígena na escola como um meio de conhecer essa cultura, tendo em vista o caráter educativo e humanizador do texto literário	ANAIS DE EVENTO CIENTÍFICO (2019)	Alunos do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública em Natal
7	A LITERATURA INFANTIL INDÍGENA COMO MEIO DE PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO MULTICULTURAL: A INTERVENÇÃO DIDÁTICA EM UMA ESCOLA DE BELÉM (BRASIL)	SALES, Maria L. L.	Conhecer as atitudes e concepções dos alunos do quarto ano do ensino fundamental relativamente às populações e culturas indígenas e analisar em que medida essa	TESE (2019)	Alunos do 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola do Belém

			intervenção didática serviu como meio de aprofundar o conhecimento dos alunos da cultura indígena como forma de promover a educação multicultural.		
8	A APROPRIAÇÃO DA CULTURA ESCRITA EM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO COM A CULTURA E A LITERATURA INFANTIL INDÍGENA	SALES, Maria L.L.; BALÇA, Ângela.	Conhecer as atitudes e concepções das crianças relativamente às populações e culturas indígenas; preparar e orientar uma intervenção pedagógico-didática, e analisar em que medida essa intervenção na sala de aula serviu como meio de aprofundar o conhecimento dos discentes sobre essa cultura.	ARTIGO EM REVISTA (2020)	Alunos do Ensino Fundamental de uma escola urbana do Pará
9	A LITERATURA DOS POVOS INDÍGENAS E A FORMAÇÃO DO LEITOR MULTICULTURAL	THIÉL, Janice C.	Desenvolver uma reflexão sobre como o contato com esta literatura pelo público formado por crianças e jovens pode promover a formação de leitores competentes, multiculturais e multiletrados.	ARTIGO EM REVISTA (2013)	Revisão de Literatura
10	A LITERATURA INDÍGENA NA ESCOLA: UM CAMINHO PARA A REFLEXÃO SOBRE A PLURALIDADE CULTURAL	THIÉL, Janice C.; QUIRINO, Vanessa F. S.	Propor a inserção da literatura indígena na escola, como expressão da identidade e dos valores de um povo.	ANAIS DE EVENTO CIENTÍFICO (2011)	Análise da obra literária indígena enfoque na obra “A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio” de Kaka Werá JECUPÉ

Fonte: Elaborado pela autora

## 2.1 Ano de publicação e natureza dos estudos

Na análise do período de publicação do conjunto de estudos identificados com a temática da literatura indígena escolar, observamos que as publicações se concentram no período de 2011 e 2020.

Considerando que a promulgação da legislação 11.645 no ano de 2008, temos um intervalo de aproximadamente três anos entre a publicação da legislação que instituiu a obrigatoriedade do ensino das culturas indígenas na escola e o primeiro estudo publicado sobre análise de obras. Tendo um intervalo maior para a primeira publicação envolvendo intervenção em campo com estudantes na escola, o qual foi publicado apenas em 2011.

Do total de estudos com temática literatura indígena infantil na escola é 10, sendo identificados, quatro foram publicados em periódicos em cada um destes anos: 2013, 2016, 2018 e 2020, enquanto que três foram publicados em anais de evento científico, sendo um em 2011, que foi a primeira publicação encontrada sobre o tema nas bases de busca após a Lei 11.645/08, outro em 2017, e o mais recente foi em 2019.

Ainda no ano de 2019, observamos uma lacuna temporal para surgir estudos em nível de mestrado e doutorado, pois passados mais de uma década da implementação da Lei 11.645/08 que “altera a Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” (BRASIL, 2008), encontramos somente uma dissertação e uma tese sobre o tema, indicando a necessidade de fortalecimento de linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação para fomentar o estudo da temática.

## **2.2 Objetivo dos estudos**

O primeiro estudo publicado encontrado nas bases de busca sobre a literatura indígena infantil na escola após a Lei 11.645/08 ser sancionada foi o de Thiél e Santos (2011), cujo objetivo foi propor a inserção da literatura indígena como expressão de identidade e dos valores de um povo que revela uma configuração de mundo distinta da cultura dominante.

Henrique (2019), assim como Thiél e Santos (2011), objetivaram destacar a importância da literatura indígena na escola escrita por autoras indígenas, para que assim haja afastamento do modo de pensamento euro-ocidental, se aproximando da cultura indígena para que haja valorização da mesma.

Brandileone e Valente (2018) tiveram como objetivo realizar uma reflexão crítica sobre a literatura indígena, e, Borges (2016), apresentar reflexões sobre a literatura indígena, porém apresentando metodologias para o trabalho com literatura indígena na sala de aula, pois a

literatura indígena infantil pode trazer maiores benefícios para o aprendizado e aproximação de crianças não-indígenas para a cultura indígena.

Seguindo esta linha de pensamento, o estudo de Oliveira (2019) teve como objetivo investigar a presença da literatura infantil com temática indígena na escola como um meio de conhecer essa cultura, valorizá-la e, assim, fazer face ao preconceito, tendo em vista o caráter educativo e humanizador do texto literário. Sendo assim, as crianças se tornarão leitores da literatura indígena infantil e terão mais proximidade com a cultura indígena, e é com este objetivo que Thiél (2013) realiza sua pesquisa: “desenvolver uma reflexão sobre como o contato com esta literatura pelo público formado por crianças e jovens pode promover a formação de leitores competentes, multiculturais e multiletrados” (THIÉL, 2013, p. 2).

Amaral (2017), em seu estudo, investigou como o indígena é retratado na Literatura Infantil e Infanto-Juvenil brasileira, escrita por escritores indígenas e não-indígenas. Quando não nos empenhamos em conhecer o indígena e suas culturas, em obras escritas por eles mesmos, nosso conhecimento se torna escasso e nossa relação com a cultura indígena, cada vez mais distante, alimentando os estereótipos que existem. E, assim, Brandes (2017) realizou sua pesquisa com o objetivo de refletir sobre a literatura indígena escrita em língua portuguesa como um fruto dos diálogos interculturais.

Sales (2019) teve como objetivo analisar até que ponto a intervenção feita em sua pesquisa de campo serviu como meio de aprofundar o conhecimento dos alunos da cultura indígena e, simultaneamente, como forma de promover a educação multicultural com maior respeito pelo indivíduo indígena e sua cultura.

Balça e Sales (2020) também analisaram a forma que a intervenção foi importante como meio de aprofundar o conhecimento sobre a cultura indígena e a apropriação da escrita pela criança leitora.

Henrique (2019), Thiél (2011) e Oliveira (2019) voltam seus estudos para a importância da valorização da cultura indígena na escola e no ensino multicultural, fazendo com que a visão eurocêntrica seja diminuída quando os educandos tenham contato com a literatura de autoria indígena.

Alguns estudos são voltados para a reflexão crítica sobre a literatura indígena, como os estudos de Brandileone; Valente (2018), Borges (2016) e Brandes (2017). Na mesma linha de reflexão, Thiél (2013) realiza seu estudo como reflexão de como o leitor pode se tornar multicultural ao ter contato com a literatura escrita por autoria indígena.

Balça e Sales (2020) realiza um estudo complementar ao estudo de Sales (2019), que analisa a intervenção feita em pesquisa de campo aprofundou conhecimento dos alunos da

cultura indígena e promover respeito pela cultura indígena. Balça e Sales (2020) também realiza a importância da intervenção, e também como aprofundou a apropriação da escrita indígena pela criança leitora.

Em uma visão eurocêntrica, o indígena é estereotipado em histórias, e Amaral (2017) em seu estudo investiga como o indígena é retratado na Literatura Infantil escrita tanto por escritores e indígenas quanto não-indígenas.

### **2.3 Contexto dos estudos e participantes**

Entre os 10 estudos encontrados, um se tratou de revisão bibliográfica (Thiél, 2013), enquanto que seis se debruçaram na análise das obras literárias indígenas, dentre as quais Thiél (2011), Brandileone e Valente (2018), Amaral (2017), Borges (2016) e Brandes (2017) analisaram obras da literatura indígena, e Henrique (2019) analisou especificamente obras escritas por mulheres indígenas.

Os demais estudos foram pesquisas de campo: Sales (2019) e Sales e Balça (2020) realizaram as respectivas pesquisas com alunos do 4º ano do Ensino Fundamental em uma escola de Belém e alunos do 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola urbana do Pará, e Oliveira (2019) realizou seu estudo em alunos do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública em Natal.

A pesquisa de campo de Sales (2019) contou com entrevistas semi-estruturadas, dez oficinas nas quais foram aplicadas as histórias da Literatura Indígena Infantil narradas tanto por escritores indígenas quanto escritores não-indígenas, juntamente com observações e novas entrevistas semi-estruturadas seguidas de uma análise de todos os dados.

No ano seguinte, Sales e Balça (2020) realizaram um estudo resultante da tese citada acima, em uma escola de Ensino Fundamental do Pará. Portanto, os procedimentos metodológicos foram os mesmos – uma entrevista seguida de dez oficinas, e posteriormente uma nova entrevista e análise de todos os dados.

Assim como Sales (2019), no mesmo ano, Oliveira e Amarilha (2019) realizou uma pesquisa de campo, contando com a participação de 25 alunos do Ensino Fundamental em uma escola de Natal. O estudo constituiu-se, de início, em uma observação no local, seguida de um questionário com o intuito de conhecer os sujeitos e saber se eles haviam conhecimento prévio sobre a literatura indígena. Posteriormente, foram feitas nove sessões de leituras com obras infantis indígenas. Após as leituras, foram aplicadas entrevistas sobre os livros, e, por fim, outro questionário para identificar se houve diferença nas respostas dos participantes.

Thiél e Quirino (2011) analisa a obra: A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio, de Kaka Werá Jecupé, com a intenção de confrontar textos indígenas a não-indígenas. Em 2013, Thiél realiza uma revisão de literatura voltada para obras indígenas e sua relação na formação de leitores multiculturais.

Borges (2016), Brandes (2017) e Brandileone e Valente (2018), em seus artigos, analisam obras indígenas. Henrique (2019) também produz seu estudo analisando obras da literatura indígena, porém o que difere o contexto de seu artigo dos demais citados, é que a autora analisa somente obras de escritoras indígenas, a fim de inspirar uma educação decolonial na escola.

Do total de dez estudos encontrados, seis são análises de obras indígenas infantis e reflexões sobre seus benefícios e suas intervenções na escola e três realizaram pesquisa de campo com intervenções na escola, com alunos do Ensino Fundamental, utilizando a Literatura Indígena Infantil. As três pesquisas de campo foram realizadas na região Norte do país, onde há 37,4% da população total indígena (IBGE Indígena, 2010).

O interesse pelo tema pode se dar por conta de estar em uma região com maior concentração da população dos povos originários em relação às outras regiões do Brasil, tendo assim mais interesse e contato com as culturas indígenas, e, conseqüentemente, maior abordagem da literatura indígena infantil nas escolas.

#### **2.4 Principais conclusões dos estudos**

Oliveira e Amarilha (2019) conclui que há pouca presença da literatura indígena na escola, e quando é trabalhada, muitas vezes não são obras de autores indígenas ou está ligada ao folclore. Sua pesquisa de campo demonstrou que 32% das crianças (8) já tinham lido ou tido contato com a temática indígena, porém nenhuma das crianças soube dizer ou lembrar quais contatos já tiveram com a cultura ou histórias que já conheciam. Tendo acesso à essas literaturas na escola, as crianças podem se divertir e ver o mundo de outra maneira. Um dos participantes relata ter gostado e que as crianças podem aprender coisas novas que não sabiam.

Fazer a literatura, como Amaral (2017) consta em sua pesquisa, é uma forma de compartilhar com todos a história de resistência, a história de conquistas da nação brasileira, fazendo com que os autores indígenas tenham voz e apresentem suas identidades. A autora conclui, também, que há uma defasagem em relação ao conhecimento da literatura indígena para com os professores, portanto é preciso se atentar aos estudos desta temática para que haja mais respeito e valorização da Cultura Indígena e para que a literatura indígena infanto-juvenil seja mais trabalhada na escola. Uma Literatura Indígena, escrita por autores indígenas em língua

portuguesa, ocasiona maior alcance e entendimento para as crianças na escola, portanto, maior aproximação com a cultura indígena.

Thiél (2011) conclui que o educador deve disponibilizar e oferecer oportunidades aos alunos para conhecerem a literatura indígena, pois assim irão conhecer outras expressões, gerando novas formas de manifestações culturais. Após ser apresentada para as crianças, a literatura indígena é bem recebida, e assim Sales (2019) conclui em sua tese, que as crianças são receptivas quando se aborda a cultura indígena na escola, não sendo diferente com a Literatura Indígena. Nas entrevistas realizadas pela autora foi possível observar que na primeira delas, onde as crianças ainda não tinham tido contato, havia muito desconhecimento e curiosidade. Após as oficinas utilizando a literatura, as respostas dos alunos já mostraram um conhecimento maior, tratando os indígenas com mais respeito e com normalidade.

Borges (2016) descreve a literatura indígena como um registro de memórias, que marca origens e deslocamentos, isso porque como nos mostra o autor, quando professores abordam os textos de escritores indígenas na escola, estão promovendo uma valorização dessas culturas, pois estão dando voz aos próprios indígenas, e não reproduzindo uma história que foi traduzida por europeus ou colonizadores/invasores.

Henrique (2019) conclui que obras de autoras indígenas trabalhadas na escola pode descolonizar o ensino na escola, concluindo que a literatura indígena pode promover um encontro intercultural, principalmente quando utilizam expressões que não existem na língua portuguesa, trazendo maior conhecimento da cultura e desconstruindo a linguagem eurocêntrica. É necessário ir além de pesquisas acadêmicas e conhecer as línguas indígenas para que haja possibilidade de novos pensamentos, reconhecendo outras humanidades e contribuindo para com a luta indígena.

Em seu estudo, Brandileone e Valente (2018) acredita que é preciso amadurecer a ideia de que a literatura indígena é importante para trabalhar a interculturalidade na escola. Como citado no estudo de Henrique (2019), essa interculturalidade é muito importante para a quebra de preconceitos e estereótipos sobre a cultura indígena.

Em outro estudo, Balça e Sales (2020) conclui que é possível uma educação mais humanizada e multicultural, trazendo as culturas indígenas à tona na escola. Conclui, assim como Oliveira e Amarilha (2019), que com a Literatura Indígena, saímos de nossa realidade e conseguimos enxergar outro mundo. Quando pensamos em “outro mundo”, estamos pensando em algo criativo e inspirador, e Thiél (2013) conclui em sua pesquisa que quando inserimos a literatura indígena na escola, estamos possibilitando aos alunos uma leitura desta maneira, além



de recreativa e inspiradora, podendo entender e valorizar as diferenças de cada um e de si mesmo.

Podemos concluir com esses estudos que há defasagem no estudo da literatura indígena na escola, e que quando os professores proporcionam para os educandos o contato com a escrita de autoria indígena, os leitores se apropriam e geram novas manifestações culturais.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo de natureza qualitativa envolveu pesquisa bibliográfica do acervo de livros da Literatura Infantil de autoria de escritores e escritoras indígenas, traçando uma caracterização das obras e posterior análise daquelas destinadas ao público infantil.

Com base no total de 189 publicações identificadas na “Bibliografia das publicações indígenas do Brasil/Lista Geral de Publicações (ordenada pelo nome do autor)” (FRANCA; MUNDURUKU; GOMES, 2020), a análise se centrou naquelas catalogadas como Literatura Infantil e/ou Literatura Infanto-Juvenil, conforme os Índices para Catálogo Sistemático, constantes da Ficha Catalográfica da própria obra.

Em levantamento realizado na “Bibliografia das publicações indígenas do Brasil/Lista de autores (por origem)” (FRANCA; MUNDURUKU; GOMES, 2020) identificamos 57 escritores e escritoras indígenas representativos de 26 povos: Baniwa, Desana, Guarani, Kambeba, Kaingang, Kariri Xocó, Krenak, Macuxi, Maraguá, Maxakali, Munduruku, Nambikwara, Pataxó, Payaya, Potiguara, Puri, Tabajara, Tariano, Terena, Tremembé, Tukano, Tupinambá, Tuyuka, Sateré-Mawé, Wapichana, Umutina.

As obras submetidas à fase seguinte tiveram como critérios de inclusão: 1) A diversidade de gênero na autoria, portanto escrito por indígenas mulheres e homens e 2) A diversidade das culturas indígenas, portanto, escritores e escritoras indígenas de distintos origens étnicas e que habitam diferentes regiões do Brasil.

Em seguida, passamos a analisar cada obra seguindo os procedimentos de análise de conteúdo categorial temática a partir de Gomes (2009), com a finalidade de identificar aspectos e/ou elementos comuns e que se relacionam, ou seja, “[...] agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso” (p. 70).

O conjunto de categorias de análise foi construído respeitando-se três princípios de classificação sintetizados por Gomes (2009, p. 72) como: utilizar um mesmo critério para estabelecer as categorias; incluir as respostas em uma das categorias, garantindo a exaustividade do material analisado e; ter em conta que as categorias “devem ser mutuamente exclusivas, ou seja, uma resposta não pode ser incluída em mais de duas categorias”.

#### **3.1 Mapeamento e caracterização das obras literárias indígenas: os/as autores/as e suas histórias**

A partir dos critérios acima explicitados e visando contemplar o objetivo da pesquisa, realizamos mapeamento dos autores e das autoras indígenas por etnias compondo um quadro que contém a identificação da Localização/etnia dos povos, nome do autor e da autora, título

das obras encontradas e ano de publicação (Quadro 2). Após o levantamento, definimos as obras submetidas para análise e realizamos a leitura dessas obras na íntegra, buscando traçar os principais aspectos de cada obra.

QUADRO 2 – Mapeamento das Publicações Literatura Infantil e Juvenil de autoria Indígena por Etnia

ETNIAS/LOCALIZAÇÃO	ESCRITOR(A)	TÍTULO DA OBRA	ANO
<b>BANIWA - AM, VENEZUELA. COLOMBIA</b>	Aldevan Baniwa et al.	Brilhos na floresta.	2019
<b>DESANA AM, COLOMBIA</b>	Feliciano Pimentel Lana	Origem da noite & como as mulheres roubaram as flautas sagradas	2002
	Jaime Diakara	Waímurã Ki'tiakã: historinhas dos animais.	2014
		Yahi Puíro Ki'ti: a origem da constelação da garça.	2001
		Wahtirã: a Lagoa dos Mortos.	2016
	Törãmu Kehíri ou Tolamãn Kenhirí (Luiz Gomes Lana)	Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana- Kehíripõrã.	1995
Umusi Pãrökumu ou Umúsin Panlõn Kumu (Firmiano Arantes Lana)	Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana- Kehíripõrã.	1995	
<b>GUARANI - RS, SC, PR, SP, RJ, ES, MS, PA, ARGENTINA, BOLIVIA E PARAGUAI</b>	Adão Karaf Tataendy Antunes	Palavras de Xeremõi.	2008
	Emerson Guarani	A criação do mundo e outras belas histórias indígenas	2011
	Kaká Werá Jecupé	As fabulosas fábulas de Iauaretê.	2007
	Lídia Krexu Rete Veríssimo	Varai para'i regua = o balaio enfeitado	2002
	Maria Kerexu, Olivio Jekupé	A mulher que virou Urutau	2011
	Olivio Jekupé, Maria Kerexu	A mulher que virou Urutau	2011
	Olivio Jekupé	A volta de Tukã.	2018
		Ajuda do saci: kamba'i.	2006
		As queixadas e outros contos guaranis.	2012
		Iarandu: o cão falante.	2002
	Olivio Jekupé et al.	Literatura nativa em família.	2020
	Papa Miri Poty, Vera Kanguá	A vida do sol na Terra = Kuaray'I Ywy Rupare Oiko'I Ague	
	Tupã Mirim e Werá Jeguaka Mirim	Contos dos curumins guaranis	2014
	Vera Kanguá, Papa Miri Poty	A vida do sol na Terra = Kuaray'I Ywy Rupare Oiko'I Ague	
Werá Jeguaka Mirim	Kunumi Guarani	2014	
Werá Jeguaka Mirim e Tupã Mirim	Contos dos curumins guaranis	2014	
<b>KAINGANG - PR, RS, SC, SP</b>	Vãngri Kaingang	Joty, o tamanduá	2010
		Estrela Kaingang: a lenda do primeiro pajé.	2016
<b>KARIRI XOCÓ – AL</b>	Denízia Cruz	contos indígenas	2014
		contos indígenas volume 2	2016

<b>KRENAK - MG. MT. SP</b>	Shirley Djukurnã	A onça protetora: borum huá kuparak.	2004
	Ailton Krenak	O lugar onde a terra descansa.	2000
		Ideias para adiar o fim do mundo.	2019
	Edson Krenak	O sonho de Borum	2015
<b>MACUXI - RR e o norte do distrito guianense de Rupununi</b>	Jaider Esbell	Terreiro de Makunaima: mitos, lendas e estórias em vivências.	2012
	Julie Dorrico	Eu sou macuxi e outras histórias.	2019
	Ely Macuxi	Ypati: o curumim da selva.	2011
<b>MARAGUÁ - AM</b>	Elias Yaguakãg	As aventuras do menino Kawã.	2010
	Lia Minapoty e Elias Yaguakãg	Yara é vida.	2018
	Lia Minapoty	Lua menino e Menino onça	2014
	Lia Minapoty	Com a noite veio o sono	2011
	Lia Minapoty e Elias Yaguakãg	Yara é vida.	2018
	Roni Wasiry Guara	A árvore da vida	2014
		Caiçu Indé: o primeiro grande amor do mundo.	2011
		Mondagará: Traição dos Encantados	2011
		O olho d'água: o caminho dos sonhos.	2012
	Roni Wasiry Guara e Yaguarê Yamã	O caso da cobra que foi pega pelos pés.	2007
	Yaguarê Yamã	A origem do Beija Flor.	2012
		Falando Tupi	2012
		Formigueiro de Myrakãwéra.	2013
		Kawrê guiry'bo: nossas lembranças especiais.	2018
		Kurumi Guaré no coração da Amazônia.	2007
		O totem do Rio Kawera e outros contos fantásticos.	2010
		Pequenas guerreiras.	2011
		Puratig: o remo sagrado.	2001
	Um curumim, uma canoa.	2015	
	Roni Wasiry Guara e Yaguarê Yamã	O caso da cobra que foi pega pelos pés.	2007
<b>MUNDURUKU - PA, AM</b>	Daniel Munduruku	As serpentes que roubaram a noite e outros mitos.	2001
		Coisas de índio	2000
		Coisas de índio: versão infantil	2003
		Coisas de onça.	2011
		Contos indígenas brasileiros.	2004
		Crônicas de São Paulo: um olhar indígena.	2004
		Histórias de índio.	1996
		Kabá Darebu	2002
		Histórias que ouvi e gosto de contar	2004
		Sabedoria das águas	2004
		Um dia na aldeia - Uma história Munduruku	2012
		Histórias que li e gosto de contar	2011
		Como surgiu - mitos indígenas brasileiros	2011

		Karú Tarú - o pequeno pajé	2009
		a palavra do grande chefe	2008
		outras tantas histórias de origem das coisas e do universo	2008
		O menino e o pardal	2007
		a primeira estrela que vejo é a estrela do meu desejo	2007
		as peripécias do jabuti	2007
		catando piolhos, contando histórias	2006
		tempo de histórias - antologia de contos indígenas de ensinamento	2005
		o homem que roubava horas	2007
		o sumiço da noite	2006
		caçadores de aventura	2006
		histórias que vivi e gosto de contar	2006
		um sonho que não parecia sonho	2007
		o onça	2006
		Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória.	2001
		O segredo da chuva	2003
		Um estranho sonho do futuro - Casos de índio	2004
		O sinal do pajé.	2003
		Parece que foi ontem	2006
		Você lembra, pai?	2003
	Daniel Munduruku e Jaime Diakara	Wahtirã: a Lagoa dos Mortos.	2016
	Marcelo Manhuari Munduruku	A cidade das águas profundas	2013
<b>NAMBIKWARA - MT, RO</b>	René Kithãulu	Irakisu: o menino criador.	2002
<b>PATAXÓ - BA, MG</b>	Kanátyo Pataxó	O machado, a abelha e o rio.	2005
		Txopai e Itôhã.	2000
<b>POTIGUARA - PB, CE, PE, RN</b>	Eliane Potigura	A cura da Terra	2015
		O pássaro encantado	2014
	Graça Gaúna	Criaturas de Ñanderu.	2010
		Flor da mata	2014
<b>SATERÉ-MAWÉ – AM</b>	Tiago Hakiy	A origem dos bichos.	2020
		Awyató-pót: histórias indígenas para crianças.	2012
		Curumizice	2014
		Curumim	2014
		Guaynê derrota cobra grande.	2013
		Noçóquem: a floresta encantada.	2019
		Noite e dia na aldeia.	2014
		A pescaria do curumim e outros poemas indígenas.	2015
<b>WAPICHANA - RR</b>	Cristino Wapichana	A boca da noite.	2016
		A cor do dinheiro da vovó.	2019
		A oncinha Lili.	2016

		Ceuci: a mãe do pranto.	2019
		O cão e o curumim.	2018
	Kamuu Dan Wapichana	O sopro da vida: Putakaryy Kakyary.	2019
<b>UMUTINA – MT</b>	Ariabo Kezo	Boloriê: A Origem dos Alimentos	2015

Fonte: Elaborado pela autora

Com este mapeamento, definimos as obras a partir do cruzamento dos critérios anteriormente explicitados de modo que, contemplassem, em seu conjunto, a diversidade cultural étnica e de gênero. A partir daí, procuramos refinar o levantamento tendo como critério, egermos os livros que tivessem crianças como protagonistas das histórias.

Assim, compomos a análise com quatro obras, representativas de povos/etnias diferentes. São elas: “Ajuda do Saci” de Olívio Jekupé; “Caçadores de Aventuras”, de Daniel Munduruku; “A cura da Terra”, de Eliane Potiguara; e “Jóty, o Tamanduá”, de Maurício Negro e Vangri Kaingang.

A partir da definição do conjunto de obras, iniciamos a leitura na íntegra do material buscando traçar os principais aspectos de cada obra, cuja síntese apresentamos a seguir.

No livro “Caçadores de Aventuras”, Daniel Munduruku conta a história de cinco curumins que acabam se perdendo na floresta durante uma brincadeira. Passam a noite tentando se proteger e encontrar a aldeia sem a ajuda de adultos. Para isso, se unem, e, com companheirismo e solidariedade, depois de muitas aventuras e inseguranças, conseguem chegar até a aldeia juntos. O livro frisa valores que visam, sobretudo, união, companheirismo e respeito em comunhão com a natureza.

A “Cura da Terra”, de Eliane Potiguara, retrata uma história que a avó conta para a neta, uma menina muito curiosa, o dia em que a mentira, a maldade e os vícios invadiram uma aldeia de seus antepassados, e a aldeia só voltou ao normal com sua alegria, danças e amor, pois a lágrima das crianças que choravam pela situação em que se encontravam, alcançou seus antepassados e fez com que trouxessem de volta os espíritos curandeiros. A obra reforça a ancestralidade e o respeito aos antepassados.

A obra “Ajuda do Saci”, de Olívio Jekupé, narra a vida da criança indígena, Vera, que sonha em ir para a escola na cidade para aprender e assim defender seu povo. Com a ajuda de amigos de seus pais, Vera consegue ir à escola, e voltava para a aldeia apenas durante as férias, onde adorava correr e brincar e sempre contava para seus colegas da escola, como era boa a vida na aldeia. Mas um acidente faz com que Vera perca a mobilidade, e, após um tempo sem conseguir fazer o que mais amava, seu pai decide pedir ajuda ao Saci. Muitos não acreditavam, pois nunca tinham o visto, mas quando o pai do garoto pediu ajuda ao Saci, ele o ajudou e curou Vera. O livro potencializa a questão de valores e luta do povo indígena, já que o protagonista

tinha o sonho de poder ajudar os seus, além de demonstrar o apego com a natureza e o bem que esse contato fazia para Vera, uma realidade diferente da que ele tinha na cidade. O Saci tê-lo ajudado reforça a crença nas histórias indígenas que são contadas para as crianças, pois o pai e o garoto acreditaram e conseguiram o que tanto desejavam: que o menino voltasse a poder correr como antes.

O livro de Vãngri Kaingáng, “Jóty, o tamanduá” conta a história do povo Kaingáng, que sempre foi acompanhado pela sabedoria, que é dividido em duas metades criadoras: Kame e Kanhru. Uma metade é representativa do Sol e do dia, e a outra da Lua e da noite. As duas metades decidem criar animais para elas, e assim surgiu Jóty, o Tamanduá. O povo não celebrava festas pois não as conheciam, nem as de casamento. Certa vez, o líder do povo Kaingáng viu galhos e folhas dançarem e cantarem, e achou o que viu incrível, e foi contar para todos. Porém, para sua surpresa, quando voltaram não havia nada. Nem barulho, nem danças. O líder estava curioso e não desistiu de tentar ver novamente aquela festa, e foi assim que Jóty o ajudou: o ensinou como dançar, celebrar e cantar, para que o líder pudesse ensinar seu povo. Daí surgiu a celebração dos casamentos. A obra fortalece a importância da natureza no cotidiano dos povos originários e também da cultura corporal fortemente representada pelas danças e celebrações que mudaram a vida daquele povo.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como resultado do processo de análise categorial temática a partir de Gomes (2009), emergiram duas categorias antes da leitura das obras, pensando ser de extrema importância e de muita importância na Cultura Indígena: A) Filosofia Indígena e B) Ancestralidade, as quais foram discutidas neste capítulo.

### 4.1 Filosofia indígena

Nesta categoria, elencamos aspectos relacionados ao modo como os povos originários concebem a convivência entre os seres vivos. As relações dos humanos uns com os outros e com a natureza no cotidiano indígena, formando um todo integrado e em equilíbrio aparece de forma recorrente nas narrativas.

As relações humanas não apartadas dos ciclos da vida aparecem integradas na união que buscam sempre estar, como notamos nestas passagens do livro “Caçadores de aventuras”:

“Todos sempre levantavam muito cedo, junto com o sol. “quando o sol acorda, acordamos; quando o sol deita, nos deitamos”” (MUNDURUKU, 2006, p. 10), e quando parece tudo voltar ao normal no cotidiano, quer dizer que “os caçadores foram atrás de alimento, os pescadores seguiram para o rio, as mulheres foram para a roça e as crianças puderam tomar seu banho matinal” (MUNDURUKU, 2006, p. 14). O autor também reforça a crença de que nossa alma é frágil e ao mesmo tempo forte. Se o nosso corpo está doente, é porque nossa alma está fraca, “e os espíritos devoradores de alma fazem com que o corpo fique doente para arrancar a alma e levá-la para a escuridão onde vivem” (MUNDURUKU, 2006, p. 19).

Neste modo de conceber a vida, a união é um aspecto que percebemos ser convergente nas histórias. Na história escrita por Daniel Munduruku, por exemplo, observamos este aspecto, na passagem que narra o momento em que os curumins estão na floresta perdidos, porém, mesmo com medo, todos se ajudam: “Cada um fazia um trabalho, pois eles sabiam que teriam de voltar antes de escurecer. Afinal, ninguém sabia onde eles estavam. E assim, todos ajudaram na construção” (MUNDURUKU, 2006, p. 22 e 23). Os garotos também estavam preocupados se alguém na aldeia iria procurá-los com medo de que devorassem os meninos na floresta, mas no fundo “Karu sabia que sua gente não abandonaria ninguém” (MUNDURUKU, 2006, p. 25).

Ao final da história, quando os curumins chegam até a aldeia, descobrem que a jornada de aventuras faz parte das aprendizagens e do processo de crescimento e formação da pessoa indígena, como podemos perceber no trecho:



São momentos preparados para que meninos e meninas possam se acostumar com as dificuldades encontradas na natureza. Tudo é feito para que eles possam ser solidários e companheiros, duas qualidades importantes para quem mora na floresta e depende dela no seu dia-a-dia (MUNDURUKU, 2006, p. 30).

No livro de Eliane Potiguara, a relação da criança com a natureza formando um todo integrado também é sobressalente, pois o enredo da história da cura da Terra que a avó conta para a neta demonstra a força da criança e a ligação que tem com o mundo: “a criança é o movimento, a mudança do tempo e a transformação do mundo” (POTIGUARA, 2015, p. 29).

Essa concepção também foi notada quando em uma passagem da história, a autora narra que os povos originários acreditam que “as crianças podem mudar o mundo, porque são rápidas como os coelhos, enxergam com os olhos do gavião e voam espiritualmente com as asas das araras” (POTIGUARA, 2015, p. 28). Também creem que “é através dos sonhos que a gente cria, recria e promove a cura da Terra” (POTIGUARA, 2015, p. 31).

A obra “Ajuda do Saci”, demonstra a união e força em seu povo, quando o garoto quer estudar na cidade e aprender a língua portuguesa, pois assim “poderia ajudar a defender o seu povo” (JEKUPÉ, 2006, p. 7).

Em uma análise deste livro, Brandes (2017) destaca que a criança, desde cedo, sabe que seu povo carece de defesa: “A defesa consistiria em aprender, conhecer e manipular o conhecimento próprio do outro/agressor, as armas próprias do outro/agressor: a língua e a escrita” (BRANDES, 2017, p. 82).

A este respeito Ailton Krenak (2019) argumenta que há uma relação equivocada entre o Estado e os povos originários desde os tempos coloniais, isto por que:

O dilema político que ficou para as nossas comunidades que sobreviveram ao século XX é ainda hoje precisar disputar os últimos redutos onde a natureza é próspera, onde podemos suprir as nossas necessidades alimentares e de moradia, e onde sobrevivem os modos que cada uma dessas pequenas sociedades tem de se manter no tempo, dando conta de si mesmas sem criar uma dependência excessiva do Estado (KRENAK, 2019, p. 39/40).

A criança protagonista da história, Vera, tinha em si uma curiosidade de como seria aprender na escola, pois “na aldeia, as crianças aprendiam ouvindo histórias e acompanhando os afazeres dos mais velhos” (JEKUPÉ, 2006, p. 10 e 11). O que Vera não sabia era que sentiria tanta falta de correr e brincar ao ar livre, já que na cidade não tinha contato com a natureza, o que era acostumado em seu cotidiano na aldeia. Ele conta para os colegas que apenas quem brinca fora de casa é quem mora nos prédios cercados, e quem mora em casa não pode brincar na rua. Descreve, ainda, a cidade: “As ruas são movimentadas e perigosas. Além disso, as

crianças têm muitos compromissos. Vão para as aulas de inglês, natação, de caratê. Eu acho que os pais arrumam coisas para eles fazerem porque não têm tempo de ficar com eles” (JEKUPÉ, 2006, p. 13).

Mauricio Negro e Vãngri Kaingang, contam no livro “Jóty, o Tamanduá”, as histórias de origem do povo Kaingang representadas pelos elementos da natureza, tendo animais como símbolos e o tamanduá Jóty, que representava um desses grupos, era muito esperto: quando o líder do povo Kaingang quis o ameaçar, por medo, o tamanduá lhe faz a proposta de trocar sua sabedoria por sua vida. Foi assim que Jóty ensinou o líder do povo cânticos e danças, para festejar, e:

[...] desde então, quando rezam pelos seus antepassados, os Kaingang das duas metades, Kame e Kanhru, dançam, cantam e consomem Kiki, uma bebida a base de mel e água; e fazem uma grande cerimonia festiva, chamada Kikikoi, para festejar cada uma das metades criadoras de todo ser vivo (NEGRO; KAINANG, 2010, p. 18).

O fechamento da história “Jóty, o tamanduá”: “Gente, animal e planta se afinam juntos” (NEGRO; KAINANG, 2010, p. 19), reforça o princípio da complementariedade na relação do povo Kaingang com a natureza, muito presente nas filosofias dos povos originários.

Outro aspecto que observamos no conjunto das obras que denota a concepção de mundo integrada dos povos indígenas tem relação com o universo de manifestações lúdicas com características próprias que guardam estreita relação com os traços culturais com o cotidiano e costumes de cada povo/etnia.

Observamos na história dos Caçadores de Aventura, de Daniel Munduruku, que o livro tematiza elementos lúdicos no cotidiano dos curumins e a aventura, que o intitula, começa quando eles decidem brincar e planejam fazer uma casa no alto da grande árvore. O brincar não está apartado das outras dimensões da vida, mas interconectado e igualmente reconhecido com a mesma seriedade dos outros momentos do dia-a-dia.

Vera, personagem da obra Ajuda do Saci, de Olívio Jekupé, ama brincar e se movimentar. Uma das coisas que mais gosta de fazer é correr. Quando volta para a cidade, se recorda de suas experiências na aldeia: “Pensava em quanto era bom correr atrás de passarinhos, subir em árvores, pescar...” (JEKUPÉ, 2006, p. 15), mas por mais que seu sonho fosse estudar na cidade, havia certo receio de tudo que acontecia lá: “Para realizar esse desejo, Vera teria de ir para a cidade grande, onde sempre acontecem acidentes, assaltos e mortes, como mostram as notícias dos jornais e da televisão” (JEKUPÉ, 2006, p. 7), o que é culturalmente distinto da realidade de comunidade que o garoto pertence e vive (BRANDES, 2017). Todas as vezes que

estava de férias e voltava para a aldeia, “ia com seus amigos à mata buscar madeira para fazer os próprios brinquedos, inventava brincadeiras e regras, fazia bichinhos de madeira e de barro. [...] Os pés descalços acompanhavam o ritmo da música” (JEKUPÉ, 2006, p. 17).

No livro “Jóty, o Tamanduá”, as manifestações da cultura corporal como danças, músicas próprias do povo Kaingang são enaltecidas e ensinadas ao líder da aldeia pelo tamanduá, Jóty que faz com que o líder Kaingang se encantasse com a descoberta dos cânticos e das celebrações, “dançou até o ultimo folego, até se estatelar todo pelo chão [...] Dançava e cantava, todo cheio de graça e agilidade, para o encanto do chefe Kanhru Kre” (NEGRO; KAINGANG, 2010, p. 10) e aprendesse: “aprendeu com o mestre tamanduá todos os cânticos e passos de dança, a tirar melodia da taquara, e a marcar o ritmo, com a cabaça recheada de grãos de milho” (NEGRO; KAINGANG, 2010, p. 14).

As Filosofias Indígenas estão fortemente representadas nas obras analisadas: valores, pensamentos, costumes e cotidianos indígenas aparecem de forma a demonstrar para a criança leitora como são e quais são os conhecimentos que a Cultura Indígena pode acrescentar para inspirá-la e agregar reflexões e aprendizagens.

## 4.2 Ancestralidade

Esta categoria remete ao valor dos antepassados, particularmente o respeito aos mais velhos e a valorização dos seus saberes, como aspectos que se destacaram nos livros analisados.

Interessante notar que as crianças, representando a continuidade destes conhecimentos, também são valorizadas e aparecem como protagonistas em três das histórias analisadas, com exceção apenas da obra “Jóty, o Tamanduá”.

A história de Caçadores de Aventuras é voltada para os valores que os antepassados querem ensinar para as crianças curumins, uma vez que, observamos que o enredo da aventura protagonizada pelas crianças se descortina como um combinado para leva-los para a floresta e despertar a coragem e a sabedoria necessárias para retornarem à aldeia, sem ajuda dos mais velhos, como observamos na seguinte passagem:

Essa aventura faz parte do cotidiano indígena. [...] São momentos preparados para que meninos e meninas possam se acostumar com as dificuldades encontradas na natureza. Tudo é feito para que eles possam ser solidários e companheiros, duas qualidades importantes para quem mora na floresta e depende dela no seu dia-a-dia. Esse teste é uma forma de educar as crianças, que mais tarde se tornarão moças e rapazes e farão da comunidade um lugar muito agradável de viver, repleto de harmonia, alegria e liberdade, sentimentos importantes para a felicidade humana” (MUNDURUKU, 2006, p. 30).

Outro aspecto que podemos destacar no que se refere ao valor da ancestralidade foi que, entre os curumins, durante a aventura, o respeito aos saberes daquele que veio primeiro se fez presente. Todas as decisões do grupo passavam pela opinião do curumim mais velho, já que o respeito pelos mais velhos sempre foi prioridade, como é demonstrado no trecho: “Na frente ia os dois mais velhos do grupo: Kaxi que segurava um dos facões, e Tonhõ, com o arco e a flecha” (MUNDURUKU, 2006, p. 22).

Munduruku (2009) fazendo referência à sua história de vida, nos ensina como a ancestralidade é um princípio sagrado e vital para os povos originários, ao relatar sua relação com o avô Apolinário:

Nas minhas idas e vindas da aldeia para a cidade é que pude ir entendendo o que a cidade tinha para me oferecer. E foi ouvindo as histórias que meu velho avô contava que percebi o que os povos tradicionais podiam oferecer à cidade [...] Apolinário era o nome do meu avô [...] com ele aprendi a ser índio [...] (p. 14).

A “Cura da Terra” mostra a ancestralidade como valor dos povos originários o que fica bastante ressaltado em todo o enredo, desde o momento em que a avó narra a história da origem da Terra, quando ela ficou triste pela brutalidade dos estrangeiros e dominadores, como quando a avó conta que: “[...] os espíritos dos antepassados observavam a infelicidade da Terra, a divisão entre as pessoas e percebiam o sofrimento daquelas que tinham de se submeter ao plantio de algodão e das outras, que não concordavam de forma nenhuma e até fugiam para não serem mortas” (POTIGUARA, 2015, p. 18).

Depois, novamente temos a ancestralidade marcando o desfecho no momento em que a avó conta que os espíritos ancestrais ouvem os soluços das crianças e finalmente curam a Terra, trazendo de volta alegria como antes: “As lágrimas das crianças trouxeram de volta os espíritos dos curandeiros, e, com eles, voltaram também o amor, a paz, a saúde, o trabalho e a música” (POTIGUARA, 2015, p. 23), demonstrando que os estrangeiros tiraram a essência alegre e cheia de amor da Terra, mas os ancestrais fizeram com que a Terra voltasse a ser o que era antes da invasão.

Os ensinamentos da avó para a neta revelam o vínculo ancestral das crianças com os conhecimentos dos antepassados, sobretudo nesta passagem, quando a avó ressalta que: “[...] as crianças, quando nascem, herdam os conhecimentos dos avós, bisavós e tataravós. A maior gratidão das crianças pelos mais velhos e mais velhas é o respeito e o reconhecimento dessa herança ancestral” (POTIGUARA, 2015, p. 28 e 29).

No livro “Ajuda do Saci”, observamos a ancestralidade muito presente na passagem em que o autor narra a curiosidade do personagem central, Vera em saber como e o que aprenderia na escola da cidade, já que “estava acostumado a ouvir os mais velhos transmitindo os ensinamentos dos antepassados” (JEKUPÉ, 2006, p. 11).

Em outra passagem dessa história contada por Olívio Jekupé, o interesse de Vera nos aprendizados e costumes dos seus ancestrais aparece com o autor ressaltando a importância dos saberes dos mais velhos: “[...] Mas Vera gostava mesmo quando as crianças eram chamadas para cantar as músicas de seus antepassados. Suas vozes soavam como violinos acompanhando o instrumento do indígena mais velho” (JEKUPÉ, 2006, p. 17).

Em “Jóty, o Tamanduá”, Vângri Kaingang aborda uma história de origem onde notamos a valorização da sabedoria dos Kaingang sobre suas origens, bem como das plantas e dos animais. Essa sabedoria permanece na comunidade por meio da oralidade, outro princípio que aqui aparece fortemente conjugado ao da ancestralidade, ensinados de geração em geração.

Além da oralidade, as manifestações da cultura corporal também são formas de perpetuar os saberes ancestrais. Eliane Potiguara, no livro *A Cura da Terra*, mostra que a terra de seu povo sempre foi alegre, o que volta a acontecer depois que os espíritos ancestrais trazem de volta todo amor que os estrangeiros tiraram. A cultura corporal faz parte do cotidiano dos povos originários, o que é explícito no trecho:

Aquele força musical permanece até os dias de hoje por meio das danças sagradas que, em círculos de amor, cultuam as forças ancestrais. As músicas e as danças que nos alegam tanto são dons dos curandeiros ancestrais invocados pelas crianças, quando elas choram alto pelo sofrimento da Terra e pelas feridas do mundo (POTIGUARA, 2015, p. 24 e 25).

Esse aspecto pode ser observado na história, na passagem que narra o percurso do líder dos Kaingang na busca por um local para refletir, quando encontra danças e cânticos, e Jóty, o Tamanduá, representando uma das metades de seu povo, lhe ensina sobre as celebrações, músicas e danças: “O líder Kanhru Kre voltou para a sua aldeia e contou para todos os Kaingang tudo que havia aprendido com Jóty, o velho e sabido tamanduá. Foi assim que o povo Kaingang aprendeu os segredos do canto, da dança e da música” (NEGRO; KAINGANG, 2010, p. 16). A partir daí, quando os Kaingang rezam por seus antepassados, dançam e cantam, e fazem uma grande cerimônia. Celebram a união de cada uma das metades criadoras dos seres vivos, e apontam que um casamento ideal deve juntar as duas metades.

O respeito aos mais velhos é uma característica potente da Cultura Indígena, e nas obras analisadas a Ancestralidade aparece sendo valorizada pelos escritores e escritoras de forma com

que os personagens e as personagens tenham esse respeito pelos mais velhos e também admiração, por suas decisões, seus conhecimentos e saberes, e também os afazeres do cotidiano. Quando a criança lê uma obra onde o protagonista da história tem esse posicionamento e valor, entende que pode ter também, sendo algo positivo para sua formação como cidadão.

## **5 HISTÓRIAS INFANTIS INDÍGENAS: POSSIBILIDADES LÚDICO EDUCATIVAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Após apresentar e discutir os resultados das análises feitas sobre os quatro livros de histórias infantis indígenas, neste capítulo iremos abordar 1) os brincares nas culturas indígenas e a educação intercultural na escola, e 2) propostas para contar e brincar as histórias de autoria indígena na Escola.

### **5.1 Os brincares nas culturas indígenas e a educação intercultural na escola**

Quando a criança brinca, ela expressa sentimentos, valores, conhece a si mesmo e ao mundo, e também expressa sua individualidade. Isso acontece pois o brincar, sendo uma ação livre, dá a criança o poder de escolha (KISHIMOTO, 2010). Desta maneira, também, as linguagens que a criança utiliza comunicam, aguçam a sensibilidade dela e envolvem aspectos cognitivos e culturais, podendo ser exploradas de diversas maneiras, sendo uma delas a partir de experiências e vivências lúdicas no contexto escolar. (GONÇALVES, ANTONIO; 2007).

Domingues-Lopes, Oliveira e Beltrão (2015) destacam que nas sociedades indígenas o brincar não é separado do cotidiano e não precisa interromper a rotina, são parte de um todo integrado. Nas aldeias Xikrín, por exemplo, as crianças normalmente são divididas em gênero e brincam de imitar os adultos. As meninas (chamadas de kurere) observam as mulheres fazendo a pintura corporal e brincam de se pintar, pintar um bebê ou até mesmo uma boneca. Alguns outros povos, como o Gavião Parkatêjê e o Suruí Aikewára, entendem que o brincar está nas flechas atiradas, nos rituais realizados nas aldeias e nas festas, de acordo com cada tradição. Para Cohn (2000), isso se dá pois, para esse povo, a capacidade de aprender e de entender da criança está ligada as capacidades de ver e ouvir de cada um.

Existem momentos também de aprendizados coletivos. Nesses momentos, os ensinamentos ocorrem principalmente durante os rituais, quando os adultos, jovens e crianças se reúnem tanto nos preparativos, quanto nas realizações. Os conhecimentos devem ser adquiridos não por determinação de locais ou fases, mas sim quando forem explícitos ou praticados (COHN, 2000).

Para Mileski e Ramon (2010), a cultura lúdica brasileira está impregnada do gosto pelas brincadeiras de imitar animais, que são heranças dos povos indígenas. A potencialidade lúdica dos conhecimentos culturais indígenas na educação física escolar foi destacada por Lima et al. (2017) que ao propor vivências com leituras, jogos, brincadeiras e danças indígenas, destacou que os alunos e as alunas, de maneira lúdica e reflexiva, conheceram a cultura indígena e perceberam o quanto está presente no cotidiano daquela região (amazônica).

Tenório e Silva (2014) ao pesquisarem as práticas corporais indígenas e seus valores, contribuíram para ampliar o repertório de conhecimentos nas aulas de Educação Física, o que, segundo os autores, contribuiu para a minimização de preconceitos e que, este repertório, pode e deve ser explorado em todo âmbito escolar, pois é um conteúdo intercultural.

A cultura indígena é impregnada de lúdico e, como observamos é um legado que permanece vivo nas culturas das crianças não indígenas, porém, nem sempre chegam ao conhecimento das crianças tais referências, seja nas brincadeiras como também nas histórias, que são contadas na escola. Por isso, é fundamental propor vivências pedagógicas que abordem a potencialidade lúdica destes conhecimentos na escola de forma contextualizada, como abordado no próximo tópico.

## **5.2 Propostas para contar e brincar as histórias de autoria indígena na Escola**

Ao projetar propostas para a vivência lúdica com as histórias infantis na escola na perspectiva da educação intercultural vislumbramos, conforme assinala Rocha (2020) uma prática pedagógica que “[...] supere a transmissão de conteúdos descontextualizados, e sim que leve em consideração as experiências dos/as estudantes, o contexto em que está inserida e a contribuição dos/as demais integrantes da comunidade escolar” (p. 37).

Faz parte das aulas de Educação Física a construção de valores baseada em “vivências no contexto da tematização das práticas corporais, que possibilitam a aprendizagem de valores e normas voltadas ao exercício da cidadania em prol de uma sociedade democrática” (BNCC, p. 221). Contextualizar o conteúdo das práticas vivenciadas em sala de aula é de suma importância para a quebra de preconceitos de qualquer diferença social, de raça e gênero.

Uma das Habilidades que a Educação Física Escolar propõe é “analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas” (BNCC, p. 211), fazendo então com que as práticas corporais de diferentes culturas sejam então contextualizadas, discutidas e tragam reflexões a fim de reconhecer as diferentes identidades culturais dos povos e grupos nas aulas de Educação Física, como sugere a Competência 7 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do conteúdo de Educação Física: “Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos” (BNCC, p. 223).



Desta forma articulamos temáticas que emergiram da análise dos livros realizada na categoria anterior, descortinando quatro possibilidades para o desenvolvimento de propostas lúdico educativas, uma para cada livro, as quais foram descritas a seguir:

### **5.2.1. Proposta 1: Temática: Solidariedade – Livro “Caçadores de Aventuras”.**

Essa aventura faz parte do cotidiano indígena. [...] São momentos preparados para que meninos e meninas possam se acostumar com as dificuldades encontradas na natureza. Tudo é feito para que eles possam ser solidários e companheiros, duas qualidades importantes para quem mora na floresta e depende dela no seu dia-a-dia.

Conteúdo: Recriação da “brincadeira caça ao tesouro”

Objetivo: Propor uma vivência lúdica e contextualizada com a Cultura Indígena a fim de trazer experiências que remeta m às experiências que os curumins da obra “Caçadores de Aventuras” tiveram na história, para maior identificação e apropriação da Cultura Indígena, trazendo também autonomia e trabalho em grupo dos educandos e educandas, valores presentes no livro.

Desenvolvimento metodológico: Em primeiro momento, a professora ou o professor deve contextualizar a turma sobre o povo Munduruku (onde se localizam, as línguas faladas). A ideia da aventura no livro é fazer com que os curumins se preparem para a vida na aldeia, então a proposta pode ser feita em um momento de transição dos alunos (de um semestre para o outro, de um ano letivo para o outro) para que se sintam preparados para a próxima fase que estarão por viver. Para se sentirem motivados a essa aventura, a professora ou o professor deve fazer uma carta para as crianças mostrando a importância dessa caça, podendo se inspirar na história “Caçadores de Aventuras”.

A brincadeira é como um caça ao tesouro: a professora ou o professor prepara as dicas como preferir (pode utilizar perguntas de personagens, dicas de locais onde estarão as próximas dicas, entre outras maneiras). A ideia é ser um jogo cooperativo, portanto quando algum educando ou alguma educanda achar o tesouro, a turma toda ganha. O tesouro pode ser escolhido de acordo com a identidade da turma ou inspirado na história do livro, trazendo como prêmio algo que dê autonomia e traga companheirismo e solidariedade para a turma.

Recursos/materiais: Papel para confecção das dicas e tesouro de acordo com que a professora ou o professor pensar ser interessante para a brincadeira.

Integração com outros componentes curriculares: Língua Portuguesa e Arte

### **5.2.2. Proposta 2: Temática: Ancestralidade e Oralidade – Livro “A Cura da Terra”.**

A “Cura da Terra” mostra a ancestralidade como valor dos povos originários o que fica bastante ressaltado em todo o enredo, desde o momento em que a avó narra a história da origem da Terra...

Conteúdo: Pesquisa com os mais velhos as histórias da família, de onde vieram, as danças, músicas, jogos e brincadeiras que faziam.

Objetivo: Envolver a família e pessoas próximas dos educandos e das educandas que sejam mais velhas, a fim de vivenciar o respeito aos conhecimentos, costumes e ensinamentos dos mais velhos, como está presente na obra “A Cura da Terra”, podendo trazer aspectos positivos nas relações com os mais velhos acentuando assim o valor da Ancestralidade. Vivenciar os conhecimentos e ensinamentos dos mais velhos, valorizando-os aumentando o leque de práticas corporais e movimentos das crianças.

Desenvolvimento metodológico: Em primeiro momento, a professora ou o professor deve contextualizar a turma sobre o povo Potiguara (onde se localizam, as línguas faladas). Após a leitura da obra e a contextualização do povo Potiguara, a proposta é fazer com que os educandos, como tarefa, façam entrevistas e pesquisas com pessoas próximas que sejam mais velhas, perguntando sobre costumes, danças, brincadeiras que faziam quando eram crianças. A ideia é essa pessoa entrevistada ensinar a criança a brincadeira/dança/jogo e em que cidade brincava/dançava/jogava. Quando os educandos trouxerem as entrevistas para a aula, a proposta é fazer com que a turma escolha uma ou mais brincadeiras para vivenciarem durante a aula. Após terminarem a ou as brincadeiras, a professora ou o professor pode questionar e refletir se as brincadeiras trazidas pelos colegas através das entrevistas são conhecidas por eles, e se eles gostaram das brincadeiras vivenciadas.

Recursos/materiais: Entrevistas e pesquisas dos educandos (vivenciar na aula de preferência brincadeiras que não necessitem de materiais ou que tenham materiais disponíveis no espaço da atividade).

Integração com outros componentes curriculares: Língua Portuguesa

### **5.2.3. Proposta 3: Temática: Interculturalidade – Livro – “Ajuda do Saci”.**

Como é morar em uma aldeia? Quais as diferenças nos modos de vida?

A criança protagonista da história, Vera, tinha em si uma curiosidade de como seria aprender na escola, pois “na aldeia, as crianças aprendiam ouvindo histórias e acompanhando os afazeres dos mais velhos” (JEKUPÉ, 2006, p. 10 e 11). O que Vera não sabia era que sentiria tanta falta de correr e brincar ao ar livre, já que na cidade não tinha contato com a natureza, o que era acostumado em seu cotidiano na aldeia. Vera conta para os colegas que apenas quem brinca

fora de casa é quem mora nos prédios cercados, e quem mora em casa não pode brincar na rua. Descreve, ainda, a cidade: “As ruas são movimentadas e perigosas. Além disso, as crianças têm muitos compromissos. Vão para as aulas de inglês, natação, de caratê. Eu acho que os pais arrumam coisas para eles fazerem porque não têm tempo de ficar com eles”

Conteúdo: Visita à uma Aldeia ou Centro Cultural Indígena / Dramatização

Objetivo: Vivenciar experiências que façam as crianças se sentirem apropriadas da Cultura Indígena, utilizando o contexto da história “Ajuda do Saci” que demonstra como é o cotidiano na aldeia, quebrando assim estereótipos e preconceitos e aumentando o respeito e a valorização da Cultura Indígena. Propor práticas corporais baseadas na obra lida.

Desenvolvimento metodológico: Em primeiro momento, a professora ou o professor deve contextualizar a turma sobre o povo Jekupé (onde se localizam, as línguas faladas). Caso possível, organizar anteriormente com a gestão da escola um passeio com as crianças: o mais interessante é visitar uma aldeia mais próxima para que os educandos e as educandas vivenciem de perto a cultura indígena e possam se interessar, trazendo reflexões sobre o livro “Ajuda do Saci”, como: se realmente há diferença da aldeia para a cidade ou se as crianças brincam ao ar livre. Se a aldeia não for possível, pode-se propor a visita a um Centro Cultural Indígena para que os educandos tenham contato com a cultura indígena fora do ambiente escolar.

Caso nenhuma dessas visitas forem possíveis de serem realizadas, a proposta é realizar uma dramatização, onde após a professora ou o professor ter contado a história “Ajuda do Saci” para os educandos, eles se dividirem em grupos para cada grupo montar uma parte da história que mais gostou em forma de dramatização. Após os grupos terminarem, apresentarem para a turma o resultado.

Recursos/materiais: Recursos para as visitas: combinar com a gestão da escola. Recursos para a dramatização: imaginação dos educandos!

Integração com outros componentes curriculares: Língua Portuguesa e Arte

#### **5.2.4. Proposta 4: Temática: Complementariedade Somos Natureza Todo Integrado – Livro – “Jóty, o Tamanduá”.**

Vãngri Kaingang aborda uma história de origem onde notamos a valorização da sabedoria dos Kaingang sobre suas origens, bem como das plantas e dos animais. Essa sabedoria permanece na comunidade por meio da oralidade, outro princípio que aqui aparece fortemente conjugado ao da ancestralidade, ensinados de geração em geração.

Conteúdo: Dança Circular de origem indígena

Objetivo: Propor uma vivência de trabalho em grupo para a produção dos elementos do centro da roda e para que todos consigam participar da dança circular, quebrando estereótipos de gênero das danças no geral, quanto da Cultura Indígena e sua valorização da natureza.

Desenvolvimento metodológico: Em primeiro momento, a professora ou o professor deve contextualizar a turma sobre o povo Kaingang (onde se localizam, as línguas faladas). Após feita a contextualização, relembrar alguns pontos que estão presentes no livro, como a união dos povos, a cultura corporal presente na dança, e a valorização da natureza. A proposta é realizar uma dança circular, que abrange os pontos citados acima que estão no livro “Jóty, o Tamandú”. Para se conectar com a natureza, o centro da roda pode ser elementos da natureza. A escolha da dança fica a critério da professora ou do professor, levando em consideração o perfil dos educandos, mas não deixando de ser uma dança da cultura indígena, para que as crianças vivenciem um pouco do que é contado na história do livro.

Recursos/materiais: Elementos da natureza para o centro da roda, como: folhas, galhos, pedras, potes ou copos com água (se não for possível os elementos da natureza, as crianças podem fazer desenhos sobre os elementos da natureza e colocarem no centro da roda); caixa de som e um celular ou qualquer dispositivo que conecte a música na caixa de som.

Integração com outros componentes curriculares: Língua Portuguesa e Arte

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais relevante que seja, observamos que a Literatura de autoria Indígena na Escola é uma temática pouco explorada na área acadêmica, sendo apenas dez estudos encontrados nas bases de dados citadas nos Procedimentos Metodológicos, com mais de uma década da Lei 11.645/08, que “altera a Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” (BRASIL, 2008) ser sancionada.

Uma lacuna que observamos foi a ausência de trabalhos encontrados na revisão sistemática com foco no lúdico nas aulas de Educação Física Escolar, podendo partir de danças, músicas, jogos, brinquedos e brincadeiras indígenas. Sendo assim, sinalizamos a necessidade de outros estudos envolvendo a Interculturalidade na Educação Física escolar na valorização da cultura indígena e desconstrução de estereótipos e preconceitos.

Após a revisão sistemática levantamos uma tabela baseada na “Bibliografia das publicações indígenas do Brasil/Lista de autores (por origem)” (FRANCA; MUNDURUKU; GOMES, 2020) e encontramos no Mapeamento das Publicações Literatura Infantil e Juvenil de autoria Indígena por Etnia uma diversidade de histórias indígenas para crianças que podem ser utilizadas para a educação intercultural na escola, e partindo dessa diversidade, tanto de gêneros (escritoras e escritores indígenas) quanto de etnias (diferentes povos de diferentes regiões do Brasil), detectamos que o material para ser trabalhada a interculturalidade e as culturas indígenas dentro da escola é rico e com numerosas possibilidades, contribuindo para os conhecimentos culturais dos educandos e educandas, e educadores e educadoras com as particularidades de cada povo.

Ter essas temáticas nas obras e poder trabalhá-las com as crianças faz com que, além de representar os povos originários de maneira integral trazendo histórias de escritores e escritoras indígenas, valorizando as culturas e quebrando preconceitos e estereótipos, as crianças não-indígenas possam aprender os valores passados pela diversidade de etnias indígenas representados nas histórias e assim tomar para si os aprendizados.

Além da representação indígena, observamos na análise das histórias que as crianças protagonizam papéis importantes, e que quando trazidas na escola, tem a potencialidade de fazer com que as crianças leitoras se identifiquem com os personagens, facilitando a compreensão e aumentando o interesse por esses livros.

Quando encontramos crianças como personagens principais nas histórias, facilitamos a comunicação para nosso público-alvo, fazendo com que as crianças leitoras não-indígenas se

identifiquem ao invés de criar um estereótipo. Percebem que podem gostar de brincar das mesmas coisas, que respeitam os mais velhos da mesma maneira e também podem se inspirar nas filosofias indígenas pois, lendo e participando das histórias, podem ser estimuladas a valorizar a diversidade.

A análise das obras nos possibilitou identificar valores, saberes e princípios que aparecem como pilares que podem ser tematizados como conteúdos pedagógicos na escola, tais como: respeito com a natureza, com a sabedoria dos mais velhos, valorizando a ancestralidade, o respeito dos saberes das crianças que participam ativamente do cotidiano junto com os adultos. A análise nos permitiu observar que tais princípios se fazendo presente e atravessando as histórias, eram repletas de particularidades em cada etnia, nos modos de vida, história e cultura que demarcam a diversidade dos povos e as constituem de modo singular e próprio.

No livro *Ajuda do Saci, Vera*, o garoto indígena que vai para a escola na cidade, percebe a diferença em que os conhecimentos são ensinados para as crianças. O menino se lembra das histórias que lhe eram ensinadas pelos adultos com conversas, vivências e brincadeiras. Podemos relacionar esse trecho da história com um dos ensaios poéticos de Daniel Munduruku (2019), que diz que seus pais nunca lhe perguntaram na aldeia o que ele gostaria de ser quando crescesse, pois isso pouco importava – ele precisava ser o que era: criança. Só foi ouvir essa pergunta quando entrou na escola, sempre seguida de afirmação que precisava ser alguém quando crescesse.

A união dos povos originários se mostra muito forte também nas obras analisadas. Os curumins de *Caçadores de Aventuras* se uniram para conseguir voltar para a aldeia; Vera, de *Ajuda do Saci*, pensando em ajudar seu povo, foi estudar na escola da cidade para aprender português e assim conseguir lutar melhor por eles; As crianças, de *A Cura da Terra*, fizeram com que os espíritos ancestrais trouxessem de volta toda alegria e amor dos povos novamente; e, em *Jóty, o Tamanduá*, as duas metades do povo Kaingang se uniam uns com os outros, e após os ensinamentos do tamanduá, a união dessas metades tinha muito mais alegria com celebrações.

O constante contato com a natureza, visto nas obras analisadas, faz parte das filosofias indígenas. Ailton Krenak, em seu livro, fala sobre deixarmos de personalizar coisas e elementos da natureza, começamos a tratar como objetos de posse humana. Os povos originários acreditam que a Terra seja nossa mãe natureza, e quando nos comportamos de maneira possessiva em relação a ela, estamos nos tornando órfãos: não só os indígenas, mas todos nós.

A ancestralidade presente nos livros também é representada pelas obras analisadas de diferentes etnias. Todos esses ensinamentos demonstrados nas histórias são conhecimentos

passados de geração para geração. Aprendizados vindos de seus ancestrais, e seguidos para seus povos com muito respeito e atenção.

Principalmente os livros *Jóty*, *o Tamanduá*, e *Ajuda do Saci* tem uma demonstração forte da cultura corporal no cotidiano dos povos originários. As danças, cânticos, brincadeiras na natureza, imitações de animais e/ou dos mais velhos da aldeia estão presentes e se mostram muito importantes para o desenvolvimento das crianças, e colaboram com os valores que são transmitidos pelos indígenas.

Percebemos o potencial pedagógico das histórias infantis escritas por indígenas para a desconstrução de preconceitos e estereótipos, ao propiciarem conhecimentos sobre o mundo vida dos povos originários, como concebem a relação humano e natureza e os saberes ancestrais, contribuindo para o diálogo intercultural na escola.

A cultura indígena está presente nas brincadeiras que as crianças estão habituadas a brincar, e sabendo da importância do brincar na infância, e da interculturalidade na educação escolar, entendemos que os livros analisados trazem possibilidades pedagógicas para as aulas que irão contribuir com formação da criança que vivencia essas possibilidades.

Acreditamos que tais reflexões e dados aqui discutidos e apresentados possam contribuir para subsidiar a formação continuada de professores/as da educação básica para abordarem as histórias infantis indígenas e as transformarem em momentos lúdicos de trocas de saberes e brincadeiras no cotidiano da escola.

Consideramos que enfrentar a educação eurocêntrica é urgente e requer apresentar às crianças, os conhecimentos filosóficos dos povos originários a partir das histórias escritas por indígenas, fortalecendo o pertencimento étnico-racial e promovendo respeito e valorização da diversidade étnica e cultural.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Graciele F. A literatura dos povos indígenas: uma análise de obras literárias na escola. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CONTEXTOS, SENTIDOS E PRÁTICAS, 13, 2017, Paraná. **Anais...** Curitiba, 2017. p. 24071-24081. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26893\\_13367.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26893_13367.pdf) Acesso em: 02 mar. 2021.

BORGES, Fabiana C. V. A literatura indígena na escola: análise da obra “tekoa: conhecendo uma aldeia indígena”. **Plures Humanidades**, v. 17, n. 1, 2016. Disponível em: <http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/279> Acesso em 02 mar. 2021.

BRANDILEONE, Ana P. F. N; VALENTE, Thiago A. Literatura indígena para crianças: o desafio da interculturalidade. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 53, p. 199-217, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/qsfZp8Q3TY3DbByZKYDHfHc/?lang=pt> Acesso em 02 mar. 2021.

BRANDES, Silvely. **Diálogos interculturais na literatura indígena contemporânea: uma perspectiva bakhtiniana**. 2017. 133 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, 2017. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/1494> Acesso em 02 mar. 2021.

BONIN, Iara T. Representações da criança na literatura de autoria indígena. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 46, p. 21-47, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/elbc/n46/2316-4018-elbc-46-00021.pdf> Acesso em: 10 mai. 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 10.639, de 3 de janeiro de 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm) Acesso em: 19 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) Acesso em: 24 mar. 2022

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira**. Disponível em: [http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset\\_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/488171](http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/488171) Acesso em: 10 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Projeto CNE/UNESCO: Desenvolvimento, aprimoramento e consolidação de uma educação nacional de qualidade – História e Cultura dos Povos Indígenas. Relatório Final**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=13941-produto-2-historia-cultura-povos-indiginas-pdf&category\\_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13941-produto-2-historia-cultura-povos-indiginas-pdf&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192) Acesso em: 10 jun. 2020.

COHN, Clarice. Crescendo como um Xikrin: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá. **Revista de Antropologia**, v. 43, n. 2, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/KVY4YvjLjFFCQqr3mwsqh9d/?lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2019.



DE OLIVEIRA, Manoilly D; AMARILHA, Marly. 17. A literatura infantil com temática indígena na escola: rompendo o preconceito. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LITERATURA E EDUCAÇÃO JORNADA DA LITERATURA E EDUCAÇÃO, 1, 2019, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, 2019. p. 195–206. Disponível em: <https://www.ufpb.br/geef/contents/noticias/anais-da-iv-jornada-de-literatura-e-educacao-e-i-simposio-internacional-de-literatura-e-educacao>. Acesso em: 13 set. 2019

DOMINGUES-LOPES, Rita de Cássia; OLIVEIRA, Assis da Costa; BELTRÃO, Jane Felipe. O lúdico em questão: brinquedos e brincadeiras indígenas. **Desidades**, Rio de Janeiro, v. 6, mar 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2318-92822015000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822015000100003). Acesso em: 18 set. 2019.

FLEURI, Reginaldo M. Intercultura, educação e movimentos sociais no Brasil. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE, 5, 2005, Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 2005.

FRANCA, Aline da Silva. **Do cocar ao catálogo: a representação bibliográfica da autoria indígena no Brasil**. 2016. 118 f. – (Dissertação)–Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

FRANCA, Aline da Silva; MUNDURUKU, Daniel; GOMES, Thulio D. **Bibliografia das publicações indígenas do Brasil/Lista de autores (por origem)**. Disponível em: [https://pt.wikibooks.org/wiki/Bibliografia\\_das\\_publica%C3%A7%C3%B5es\\_ind%C3%ADg\\_enas\\_do\\_Brasil/Lista\\_Geral\\_de\\_Publica%C3%A7%C3%B5es\\_\(ordenada\\_pelo\\_nome\\_do\\_autor\)](https://pt.wikibooks.org/wiki/Bibliografia_das_publica%C3%A7%C3%B5es_ind%C3%ADg_enas_do_Brasil/Lista_Geral_de_Publica%C3%A7%C3%B5es_(ordenada_pelo_nome_do_autor)). Acesso em 05 jun. 2020.

FRANCA, Aline da Silva; MUNDURUKU, Daniel; GOMES, Thulio D. **Bibliografia das publicações indígenas do Brasil/Lista Geral de Publicações (ordenada pelo nome do autor)**. Disponível em: [https://pt.wikibooks.org/wiki/Bibliografia\\_das\\_publica%C3%A7%C3%B5es\\_ind%C3%ADg\\_enas\\_do\\_Brasil/Lista\\_de\\_autores\\_\(por\\_origem\)](https://pt.wikibooks.org/wiki/Bibliografia_das_publica%C3%A7%C3%B5es_ind%C3%ADg_enas_do_Brasil/Lista_de_autores_(por_origem)). Acesso em 05 jun. 2020

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

GONÇALVES, Cristiane Januário; ANTONIO, Débora Andrade. As múltiplas linguagens no cotidiano das crianças. **Zero-a-seis**, [s. l.], v. 9, n. 16, jul/dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/853>. Acesso em: 29 ago. 2019.

KISHIMOTO, Tizuko Mochida. BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. In: **ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS**, 2010, Belo Horizonte. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida/file>. Acesso em: 25 ago. 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIMA, Alessandra de Viana; ALBUQUERQUE, Maria do Socorro Craveiro de; CAVALCANTE, Diego Henrique Santos; LEITE, Luiza Helena Braga; MUSSATO, Maria Gerliane Chalub; MOREIRA, Paulo Vitor dos Santos. Jogos e brincadeiras indígenas nas aulas de Educação Física do CAP/UFAC. **SOUTH AMERICAN: Journal of Basic Education, Technical and Technological**, [s. l.], v. 4, ed. 2, p. 1-177, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/download/1700/1017>. Acesso em: 9 out. 2019.

MILESKI, Keros Gustavo; RAMON, Paulo Caldas Ribeiro. GRANDO, Beleni Saléte (Org.). Jogos e culturas indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola. Cuiabá: EdUFMT, 2010. **Práxis Educativa: Dossiê: Educação Escolar Indígena**, [s. l.], v. 7, n. Número Especial, 2012. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/5068>. Acesso em: 3 set. 2019.

MUNDURUKU, Daniel. **Das coisas que aprendi: ensaios sobre o bem-viver**. 2ª edição. Lorena: DM Projetos Especiais, 2019.

\_\_\_\_\_. **O banquete dos deuses: conversa sobre a origem e a cultura brasileira**. 2 ed. São Paulo: Global, 2009.

\_\_\_\_\_. **Caçadores de Aventuras**. São Paulo: Editora Caramelo, 2006.

NEGRO, Maurício; KAINGANG, **Vãngri. Jóty, o Tamanduá**: reconto Kaingáng. São Paulo: Global, 2010.

OLIVEIRA, Rogério Cruz; DAOLIO, Jocimar. Educação Intercultural e Educação Física Escolar: Possibilidades de Encontro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, ed. 2, 2011. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:QQzPHMO35QAJ:https://www.revistas.ufg.br/fef/article/download/11348/9555/63009+&cd=16&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 24 mar. 2022.

POTIGUARA, Eliane. **A cura da Terra**. 1ª edição. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

ROCHA, Suzi Dornelas e Silva. **Viajando pela cultura africana e afro-brasileira: relações étnico-raciais na Educação Física**, 2020. Dissertação (Mestra em Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/192836>. Acesso em: 22 fev. 2022.

SANTOS, André L. P. A; CORRÊA, Denise A. **Brincadeiras africanas na escola: uma experiência na educação infantil**. In: VI Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: Etnomotricidades do Sul, 2015, Valdivia/Chile. Anais... Valdivia/Chile: SPQMH. v.1. p.16-28.

SILVA, Olívio Z. **Ajuda do Saci**. São Paulo: Editora DCL, 2006.

SALES, Maria L. L. **A literatura infantil indígena como meio de promoção da educação multicultural: a intervenção didática em uma escola de Belém (Brasil)**. Orientador: Ângela Balça. 2019. 475 p. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Instituto de Investigação e Formação Avançada, Portugal, 2019. Disponível em: <://core.ac.uk/download/pdf/186456906.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2021.

SALES, Maria L. L. A; BALÇA, Ângela. A apropriação da cultura escrita em crianças do ensino fundamental: um estudo com a cultura e a literatura infantil indígena. **Leitura: Teoria & Prática**, v. 38, n. 78, p. 51-65, 2020. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/832> Acesso em 02 mar. 2021.

HENRIQUE, Paloma de M. "**A mãe terra nos anima**": **mulheres indígenas contracolonizando a literatura e as artes visuais no Brasil**: Inspirações para a introdução de uma educação decolonial na escola. Orientador: Ana Lúcia Liberato Tettamanzy. 2019. Dissertação (Mestra na área Literatura, Pós-colonialismo e Identidades) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/206373>. Acesso em: 2 mar. 2021.

SILVA, Chintia Lopes da. Experiência pedagógica com jogos indígenas em aulas de educação física de uma escola pública do estado de Mato Grosso. **Saberes docentes e cultura corporal**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, jul.dez/2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18918>. Acesso em: 9 out. 2019.

THIÉL, Janice C. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. **Educação & Realidade**, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/PJsZ4S3tMLKBmyJ83VKXcQg/?lang=pt> Acesso em 02 mar. 2021.

THIÉL, Janice C; QUIRINO, Vanessa F. S. A literatura indígena na escola: um caminho para a reflexão sobre a pluralidade cultural. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO / SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO, 10, 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2011. p. 6630-6641. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5885\\_3228.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5885_3228.pdf) Acesso em 02 mar 2021.



---

**Profa. Dra. Denise Aparecida Corrêa**  
**(Orientadora)**



---

**Marina Hatoum Lincoln do Amaral**  
**(Aluna)**